



um peixe no gramado

por
FLÁVIA
LINS E
SILVA

Nunca soube nada sobre futebol. Achava divertido ver os meus irmãos jogarem futebol de botão na sala de casa, mais porque rolava de rir com a narração inventada por eles do que pelo jogo em si. Sou daquele time que só assiste futebol quando o Brasil chega na Copa do Mundo e, de preferência com amigos, que ajudam a tornar o assunto mais interessante. Escolhi um time popular, o Flamengo, para não me sentir completamente esquisita na Terra Brasilis e, nos anos 80, no Rio, o Zico era o grande ídolo dos cariocas. Torci por ele e pela seleção canarinha nas Copas de 1982 e 1986 (não me lembro da Copa de 1978) mas nunca o vi em campo. Fui poucas vezes ao Maracanã e, como sempre fui distraída, perdia sempre os gols ,ou seja, preferia a TV com sua grande invenção: o replay.

Em 1993, me formei em jornalismo e o meu sonho era trabalhar como correspondente internacional. Estudei inglês, francês, espanhol, alemão e italiano sonhando em ser como a Cristiane Amanpour, uma boa correspondente pelo mundo afora. Mas, a vida nunca segue o roteiro planejado e, meu primeiro estágio foi no setor de chamadas da TV Globo. Eu tinha que assistir os filmes, marcar as melhores cenas e propor o texto para o locutor narrar. Um dia tomei um susto horrível assistindo um filme de terror e imediatamente fui rebaixada para ver os filmes da sessão da tarde. Vi muitos filmes infantis e isso até que iria me ajudar mais para frente.

Naquele momento, porém, eu ainda sonhava em ser jornalista e, nos horários livres, eu vagava pelo andar do jornalismo, em busca de uma chance. Um dia, olhando as notícias que chegavam dos Estados Unidos por satélite, querendo me enturmar com a turma do jornalismo internacional, vi que chegavam também muitas notícias da NBA. Era o ano do gênio do Basquete, Michael Jordan, e por sorte precisavam de alguém no Globo Esporte para traduzir aquelas matérias. Foi assim que consegui o meu primeiro emprego no jornalismo, sempre sonhando em escrever as matérias internacionais do Jornal Hoje, que vinha logo depois do Globo Esporte. Algumas vezes, me ofereci para escrever as matérias internacionais do Jornal Hoje e me deixaram experimentar. Quase sempre eram tragédias contadas em 20 segundos. E, quando surgia algum outro assunto mais importante, as matérias internacionais eram as primeiras a cair.

Eu era séria, achava o setor internacional mais importante, mas aos poucos, fui percebendo que as notícias dos esportes costumavam ser muito mais felizes do que as internacionais: sempre mostravam gols, vitórias, recordes, superações. Comecei então a me empolgar com o mundo esportivo, mas meus chefes cismaram que eu tinha que aprender a escrever sobre futebol. Eu tentei, juro que tentei. Passava as semanas decorando os jogadores de cada time com seus respectivos técnicos... para ver tudo desmoronar na segunda-feira.

Aquilo era muito mais difícil que decorar a tabela periódica. Toda semana, alguém era demitido, vendido, comprado e os elementos da química mudavam sempre de lugar, numa eterna dança das cadeiras.

bar favorita, vila mariana, sp.
na página anterior: ateliê de costura da dona ana.
fotos: fabiano maciel



Eu tinha uma defasagem de 25 anos pelo menos em relação aos meus colegas de trabalho, que olhavam torto para mim por ser mulher e a verdade é que eu não sabia mesmo nada de futebol. Tentei inventar matérias sobre iatismo, ginástica olímpica, mergulho, ou seja, esportes mais alternativos, mas o mundo do esporte respira futebol e eu nunca estaria à altura daqueles incríveis jornalistas esportivos, passionais, que torciam fervorosamente, que se implicavam feito meninos, sabiam escalões de cor e choravam como crianças quando seus times perdiam.

Eu olhava para eles com espanto: amavam mesmo aquele mundo. Não faziam esforço algum para memorizar times e seleções. Eu me sentia um peixe tentando nadar no gramado. E ainda sofria com o ódio dos meus irmãos e de tantos outros fanáticos por esporte que invejavam o meu emprego e sobretudo a minha carteirinha de jornalista esportiva que me permitia ir gratuitamente à tribuna de imprensa no Maracanã mas que nunca era usada. Afinal, nas minhas raríssimas folgas de fim de semana tudo o que eu queria era passar bem longe dos campos esportivos. Um dia, faltou alguém no plantão e me escalaram para cobrir um jogo, ou seja, eu tinha que escolher os melhores momentos do intervalo do jogo e ainda comentar a tática usada pelos jogadores. Acho que foi neste dia que descobri o meu talento para ficção. Nunca inventei tanto!

Por sorte, um ano depois, abriu um concurso para novos roteiristas na TV Globo e eu me inscrevi. Era uma prova difícil: 800 candidatos para poucas vagas. Passei para o curso e pedi férias. Cheguei na segunda etapa e pedi licença do trabalho. Por fim, me demitiram do esporte e encontrei um campo onde minha mente distraída e fértil conseguiu espaço para nadar livremente. O peixe que tinha caído acidentalmente entre as quatro linhas do gramado, finalmente encontrava o mar.

Flávia Lins e Silva é uma escritora, jornalista e roteirista brasileira. Escreve livros infanto-juvenis com destaque para as coleções Diário de Pilar e Detetives do Prédio Azul. Foi roteirista da TV Globo por 16 anos, onde escreveu programas como Caça Talentos e Sítio do Picapau Amarelo, além de séries e novelas.